

O ESTRANHO DE FREUD EM UMA MATERNIDADE INTERCULTURAL: UMA ANÁLISE DE CASO

FREUD'S UNCANNY IN AN INTERCULTURAL MOTHERHOOD: A CASE STUDY

LO SINIESTRO DE FREUD EN UNA MATERNIDAD INTERCULTURAL: UN ANÁLISIS DE CASO

Fernanda Ferreira Vilhena Camargo

- Psicóloga pelo Centro Universitário Unifaat e pós-graduanda em Fundamentos da Psicanálise –Teoria e Clínica pelo Instituto ESPE.
- E-mail: fvilhenacamargo@gmail.com

Mylena Aparecida Ribeiro de Lacerda

- Psicóloga pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Teoria Psicanalítica pela PUC-SP e pós-graduanda em Fundamentos da Psicanálise –Teoria e Clínica pelo Instituto ESPE. Mestranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo.
- E-mail: psi.mylenalacerda@gmail.com

Natalia Camargo Angel

- Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista.
- E-mail: nataliaangel.na@gmail.com

RESUMO

A partir do conceito do Estranho (Das Unheimlich), a pesquisa em questão analisa um caso duplamente inquietante e discute o sentimento de estranhamento de uma mãe migrante que não domina o idioma dos filhos, de modo a articular prática clínica e teoria psicanalítica. Levando em consideração o pressuposto de que a linguagem é uma das principais formas de transmissão cultural, de ideais e ensinamentos, os impasses comuns no exercício da maternidade são intensificados pelo obstáculo linguístico. Entretanto, escolhe ser analisada no mesmo idioma que relata não dominar, possibilitando a simbolização de sua relação com a língua. O caso reúne a angústia da maternidade e a angústia cultural diante dos obstáculos linguísticos e da migração, ou seja, uma dupla angústia e uma dupla ausência.

Palavras-chave: O Estranho; Maternidade, Migração.

ABSTRACT

Based on the concept of the Uncanny (Das Unheimlich), this study analyzes a doubly unsettling clinical case and discusses the feeling of estrangement experienced by a migrant mother who does not speak her children's language, aiming to articulate clinical practice with psychoanalytic theory. Considering the premise that language is one of the primary vehicles for the transmission of culture, values and teachings, the common challenges of motherhood are intensified by the linguistic barrier. Nevertheless, the mother chooses to be analyzed in the very language she claims not to master, enabling the symbolization of her relationship with the language. The case brings together motherhood and cultural anxieties in the face of linguistic and migratory obstacles, namely, a double anxiety and a double absence.

Keywords: The Uncanny; Motherhood; Migration.

RESUMEN

A partir del concepto de Lo Siniestro (Das Unheimlich), esta investigación analiza un caso doblemente inquietante y reflexiona sobre el sentimiento de extrañeza experimentado por una madre migrante que no domina el idioma de sus hijos, con el objetivo de articular la práctica clínica con la teoría psicoanalítica. Partiendo del supuesto de que el lenguaje es uno de los principales vectores de transmisión cultural, de ideales y enseñanzas, los impases comunes en el ejercicio de la maternidad se ven intensificados por el obstáculo lingüístico. Sin embargo, la analizante elige ser analizada en la misma lengua que declara no dominar, lo que posibilita la simbolización de su relación con el idioma. El caso reúne la angustia materna y la angustia cultural frente a los obstáculos del lenguaje y de la experiencia migratoria, es decir, una doble angustia y una doble ausencia.

Palabras clave: Lo Siniestro; Maternidad; Migración.

INTRODUÇÃO

O Estranho (*Das Unheimlich*), ora também traduzido como O Infamiliar, O Inquietante, ou até mesmo O Sinistro, retrata ao mesmo tempo uma palavra e um conceito. Publicado em 1919, o texto de Freud narra o intraduzível: passar de uma língua à outra demanda um grande movimento, ainda mais se tratando da dualidade tão grande em seu conceito. Suas versões traduzidas para o português iniciam com prefácios contendo uma vasta explicação sobre a tradução e a dificuldade de encontrar um termo exato para descrever exatamente o proposto por Freud. No alemão *Unheimlich*, é possível perceber a dualidade presente no próprio conceito, enquanto a língua portuguesa não conta com uma palavra que cause o mesmo efeito. A dualidade é representada na escolha da tradução “O Infamiliar”, por Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares, publicado pela editora Autêntica, um neologismo que expressa justamente a impossibilidade da tradução perfeita (Iannini; Tavares, 2019). No entanto, no presente artigo a escolha pela tradução “O Estranho” se deu a partir do enfoque no sentimento de estranheza que o conceito revela, que será analisado diante de uma demanda clínica.

Quando Freud apresenta o conceito, logo fala sobre a própria palavra parecer assustadora e aterrorizante, que causa angústia e terror, ou seja, aquilo que a palavra “estranho” pode de fato causar. Logo em seguida, menciona a necessidade de olhar para o familiar existente neste sentimento de angústia. Sendo assim, postula que O Estranho é uma espécie do que é inquietante e assustador, mas que remete ao velho conhecido: uma estranheza ao encontrar algo familiar na angústia e no terror (Freud, 1919/2019).

Dessa forma, o conceito é frequentemente evocado ao trabalhar diversas formas de angústia na clínica psicanalítica, em que o estranhamento presente se trata de um sentimento desconhecido que carrega algo familiar, e, por outro lado, a angústia de ter algo até então familiar que internamente se revela como estranho.

Curiosamente, dois temas são frequentemente pesquisados em torno do conceito: dinâmicas familiares, uma vez que o próprio termo “familiar” remete aquilo da ordem nuclear da família, sendo usado universalmente para designar o íntimo

e conhecido, mas também revelando estruturas desorganizadas e adoecedoras; e ainda, um outro tema que diz respeito à angústia diante daquilo que é estrangeiro — migrações e diferenças culturais, como por exemplo a língua estrangeira, observado com exatidão no obstáculo linguístico presente no próprio conceito do Estranho.

O significante “família” pode ter diferentes representações, com base em diversas vivências singulares e alterações ao longo do tempo (Souza; Chaves, 2017). As experiências clínicas revelam diversos tipos de adoecimentos de ordem familiar, portanto, o significado daquilo que é familiar pode ser transformado diante de cada discurso, bem como o significante “materno”. Aquilo que é da ordem do materno e do maternal tende a evocar noções de cuidado e acolhimento, mas novamente pode se desfigurar em novas representações com base na experiência individual de cada sujeito. A diferença destes significantes pode ser de fato estranha e inquietante.

A linguagem, por si só, pode causar o mesmo estranhamento ao considerar passagens da língua materna para línguas estrangeiras. Os esforços para traduzir conceitos psicanalíticos — como O Estranho, aqui elucidado —, já apontam dificuldades significativas diante da impossibilidade de traduções literais e da preocupação de não perder as mesmas noções postuladas por Freud. Se não lida no original alemão, a psicanálise sempre será uma psicanálise traduzida (Veras, 2009a).

Experiências de migração evocam sofrimentos da ordem do impossível de traduzir. Seja diante da língua estrangeira, como das próprias experiências migratórias: o sofrimento de deixar a terra natal, a dificuldade de se adaptar no novo país, a dificuldade com o novo idioma, com moradia, xenofobia e discriminações, entre muitas outras. O estrangeiro em uma nova terra é visto como aquele que vem de fora, o fora do comum, tido muitas vezes como inadequado e, assim, estranho (Nardi, 2008).

Diante de um mundo globalizado, a migração se torna um tema importante de ser compreendido e estudado. O psicanalista, nestas situações, se depara com pacientes que, em estado de deslocamento — seja ele voluntário ou não — são levados a falarem uma língua que aprenderam posteriormente à língua materna (Bastos; Tenebaum, 2021). A experiência com essa nova língua pode ser observada

até no dispositivo analítico, uma vez que muitos migrantes não podem escolher pelo processo psicoterapêutico em sua língua materna, por diversas razões — econômicas, dificuldade no acesso da modalidade remota, entre outras.

Com isso, a pesquisa em questão analisa um caso duplamente inquietante: uma analisanda estrangeira oriunda do Sul Global, que migrou para o Brasil na adolescência, se tornou mãe alguns anos depois e, mesmo sem dominar a língua portuguesa, percebeu-se participando de um núcleo familiar em que os filhos aprenderam somente o português. Após mais de duas décadas no país, ainda não dominando a língua estrangeira, não consegue se comunicar com os filhos, criando então uma relação maternal Estranha, Infamiliar e Inquietante. Não obstante, realiza o processo de análise em sua língua estrangeira, o português, deixando sua relação com a linguagem ainda mais exposta e possível de ser analisada.

Assim, o sentimento de estranhamento é discutido diante de uma maternidade intercultural, de modo a articular a prática clínica com a teoria psicanalítica. Partindo desse objetivo, buscou-se compreender de que modo a dinâmica familiar foi construída, como foram as vivências pessoais da analisanda, de que maneira ocorreram as experiências migratórias e a trajetória em relação à maternidade, para então compreender a escolha em relação ao idioma e os ideais da constituição dessa família.

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa de delineamento descritivo e qualitativo, a partir do método da análise de caso (Gil, 2002). Os dados coletados são de caráter subjetivo, sendo feita uma análise crítica a partir do referencial psicanalítico. Para isso, partiremos da obra de Freud e suas contribuições acerca do Estranho e da feminilidade, articulando com os trabalhos de Ferenczi e Lacan e as colaborações de autores da psicanálise contemporânea.

Tratando-se de uma análise de caso, é indiscutível a necessidade de observar os aspectos éticos da pesquisa. O nome apresentado é fictício, a fim de preservar o sigilo quanto à identidade da analisanda. Além disso, é necessário se atentar às especificidades da pesquisa em psicanálise, que tem como pressupostos básicos o inconsciente, a transferência e a escuta. Assim, compreende-se que a produção do saber de uma análise sempre se dá a posteriori (Dallazen et al., 2012).

Desse modo, parte-se da ideia de que o material pesquisado são fatos clínicos e estes já não se referem a história real vivenciada pelo analisando, mas se tratam de uma criação ficcional do analista que o escutou, sendo assim, um resultado do encontro entre dois inconscientes. Dessa forma, um fato clínico é sempre parcialmente uma produção do analista, visto que ele está sujeito ao seu próprio psiquismo (Dallazen et al., 2012).

Para atender as exigências éticas e as especificidades do campo do saber psicanalítico, foi realizada a escolha de um caso já encerrado, de modo a assegurar que não há conflitos de interesses. As informações descritas constituem recortes clínicos que foram pensados a fim de preservar a identidade da analisanda e do tratamento em questão, garantindo o sigilo através da modificação de informações irrelevantes para os dados da pesquisa e adoção de nome fictício, de modo que não seja possível reconhecer a sua identidade.

CASO EMI E A MATERNIDADE COMO ANGÚSTIA INFAMILIAR

Antes de partirmos para a apresentação do caso é importante estabelecermos alguns pressupostos teóricos de como a psicanálise entende os conceitos de maternidade e feminilidade. Para isso, partimos da ideia freudiana de que a chegada de um filho pode estar situada para uma mulher como um equivalente fálico que responda à angústia de castração (Freud, 1931/2010).

Para o autor, a partir do momento que as meninas se encontram com a diferença anatômica entre os sexos, elas precisam percorrer um longo caminho de elaborações psíquicas, no qual elas se deparam com três possíveis caminhos: o primeiro seria o abandono da atividade fálica e inibição sexual, identificando-se como inferior por não possuir o pênis-falo. O segundo seria identificar-se como detentora do falo, o chamado complexo de masculinidade. E o terceiro seria o caminho para a feminilidade, quando a menina reconhece o bebê como um equivalente fálico que um dia ela poderá vir a ter (Freud, 1925/2011; 1931/2010; 1933/2010).

Para Freud (1931/2010; 1933/2010), o caminho para a feminilidade desembocaria na maternidade, e ter um bebê seria o desejo feminino mais

intenso, no qual, sua chegada na vida adulta seria vivida com felicidade. Porém, ao pensarmos nessa conceituação não podemos esquecer o cenário social da época em que a teoria foi escrita.

Kehl (1996) aborda que até poucas décadas, a valorização das mulheres estava ligada a se manterem na posição de sexualmente inacessíveis, regra que infantiliza as mulheres e mantinha os filhos como consolo, no qual, a maternidade por anos foi o único lugar onde a sexualidade era aceita socialmente, sendo nesse contexto que ocorreu o surgimento da psicanálise.

Nesse momento histórico, as mulheres não tinham acesso ao que Freud considerava os dois caminhos libidinais da vida adulta: trabalhar e amar. Foi com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a invenção dos métodos contraceptivos, que se tornou possível o retraçamento das vias de circulação fálica (Kehl, 1996).

Dada essa contextualização, partimos para a apresentação do caso. Emi é uma migrante na meia idade que procurou a análise por conta de demandas relativas à maternidade. Porém, o que logo de início chamou a atenção é que o primeiro contato se deu através de sua família, que entrou em contato com a analista e informou que Emi gostaria de dar início ao tratamento, mas que ela não dominava a língua portuguesa.

A analista, inicialmente, se preocupou com essa dificuldade de comunicação e se propôs a fazer uma entrevista inicial com Emi para conhecê-la. Porém, uma pessoa da família se dispôs a participar dessa primeira conversa para explicar a queixa e traduzir o que a paciente não conseguisse expressar — instruindo ainda a analista a falar “as palavras mais simples possíveis para ela entender”.

Essa pessoa relatou conflitos que estavam angustiando a família e que preocupavam Emi, especialmente no que dizia respeito a seu papel como mãe de dois filhos, que foram criados apenas falando português, pois, em razão das longas jornadas de trabalho e das dificuldades financeiras, não conseguiu dedicar o tempo que desejava aos cuidados deles, o que, em sua percepção, a impediu de lhes transmitir sua língua materna.

Tal vivência adquire um peso psíquico particular na medida em que a função materna, para além dos cuidados concretos, também se relaciona à introdução da criança no campo da linguagem e da cultura, sendo frequentemente a mãe ou quem ocupa essa função um dos primeiros mediadores entre o bebê e o universo simbólico. Essa perspectiva encontra ressonância nas formulações freudianas acerca da constituição psíquica fundada no desamparo inicial do bebê e em sua dependência do outro cuidador para a inscrição no laço humano (Freud, 1926/2014).

Desse modo, a mesma dificuldade que Emi tinha em se comunicar com sua analista era a dificuldade que ela enfrentava diariamente para falar com seus próprios filhos, indicando, já nas entrevistas iniciais, uma importante dimensão transferencial, na medida em que a relação analítica parecia condensar e reeditar impasses centrais de seus vínculos maternos. Após a primeira entrevista, a analista percebeu que, apesar das dificuldades, era possível se comunicar com a paciente, e assim, ambas decidiram dar início ao tratamento.

Ao longo das sessões, Emi trazia demandas relativas à maternidade: sentimentos de autocobrança e o questionamento se estaria sendo uma boa mãe, “às vezes, eu sinto muita raiva, raiva! E sinto vontade de me bater, porque acho que não sou uma boa mãe, que não estou fazendo o melhor para os meus filhos”.

A paciente falava sobre seus desejos para o futuro dos filhos, sobre suas preocupações com cada um e o medo de não estar fazendo um bom papel. Dizia sentir medo de cobrá-los e ser dura demais, e, assim preferia que o marido tivesse as conversas mais difíceis com eles, pois tinha receio de não saber se expressar. Dessa forma, é possível perceber que as angústias que as mães comumente sentem ao exercer o papel de mãe, são exponencialmente aumentadas no caso de Emi pela dificuldade de comunicação com os filhos. Podemos supor, ainda, que a barreira idiomática, embora real, também operasse em certos momentos como recurso defensivo, permitindo deslocar para o campo da linguagem conflitos ligados à autoridade, à culpa e à ambivalência inerentes à maternidade (Freud, 1900/2019).

Ampliando a leitura dessa dificuldade de comunicação que é assentuada em momentos de tensão, podemos recorrer ao conceito ferencziano de “confusão de

linguagens” (Ferenczi, 1933/2025), compreendendo essa distância como afetiva antes de ser idiomática. Guardadas as diferenças de contexto, a formulação do psicanalista húngaro sobre a “confusão de línguas” pode ser evocada aqui para pensar um desencontro afetivo que ultrapassa o idioma propriamente dito.

Embora a perspectiva ferencziana se refira ao desencontro traumático entre a linguagem da ternura da criança e a linguagem passional do adulto, o conceito pode inspirar, em sentido ampliado, a reflexão sobre situações em que registros afetivos distintos não encontram tradução recíproca. No caso de Emi, a diferença idiomática parece condensar também um desencontro subjetivo entre mãe e filhos, no qual, para além do campo relacional, suas angústias também remetem aos impasses entre feminilidade, maternidade, trabalho e reconhecimento, recolocando em cena a problemática da castração e das formas contemporâneas de realização fálica.

Ao pensarmos a demanda de Emi, precisamos ter claro que com o passar dos anos, cada vez mais as mulheres começaram a migrar para outros países em busca de novas condições de vida, o que gerou novos impasses frente ao processo migratório. Nesse processo, muitas mulheres têm suas identidades contestadas e memórias silenciadas quando se deparam com experiências traumáticas, marcadas pelo preconceito, discriminação, assédio sexual, tráfico e violência (Ramos, 2010; 2012).

A feminização da migração impacta as mulheres e a relação delas com a maternidade. Ramos (2010; 2012) traz a discussão de que a migração é um fator que pode complicar e vulnerabilizar a experiência da maternidade, porque impõe a essas mulheres situações como aculturação, solidão, isolamento e individualismo, característico da sociedade ocidental.

Estas contingências podem favorecer a constituição de uma maternidade traumática, especialmente para as mulheres que vêm de meios tradicionais, no qual a mãe e a criança são responsabilidades da comunidade e os cuidados são transmitidos de geração em geração. Desse modo, a migração dá origem a diversas rupturas com o processo de partilha e da construção de sentido (Ramos, 2010; 2012).

Quando a cultura desaparece como fonte de transmissão, as competências da mãe (como indivíduo) passam a ser fortemente solicitadas. O meio social exige

que essas mulheres sejam boas mães, enquanto elas precisam lidar com o luto pela ruptura com suas origens, contexto que potencializa o sofrimento e o sentimento de culpa sentido por essas mulheres (Ramos, 2010; 2012).

Como discutido acima, vemos que na contemporaneidade nos encontramos com a diversificação das possibilidades de realização fálica, mas essa diversificação ao invés de solucionar a angústia de castração, denuncia novas formas de comparecimentos dela (Jerusalinsky, 2008).

Para algumas mulheres, as vastas possibilidades de realização fálica são experimentadas como angústia, em que a maternidade e o trabalho são experienciados como concorrentes, no qual o investimento crescente em um resultaria no desinvestimento no outro (Jerusalinsky, 2008). E é o que de certa forma conseguimos observar no caso Emi, em que a paciente se angustiava pela necessidade de se dividir entre a maternidade e o trabalho, se culpando pelos anos em que precisou trabalhar por longos períodos fora de casa e delegou a educação dos filhos para outros familiares.

A OUTRA LÍNGUA: EXPERIÊNCIAS DE MIGRANTES COM A LÍNGUA ESTRANGEIRA

O deslocamento humano sempre existiu. A origem humana é, inclusive, marcada por deslocamentos, e ao estudar a história da humanidade, percebe-se que a história humana é sempre estrangeira. Não obstante, o primeiro grande exílio pode ser considerado como aquele em que o bebê passa do mundo natural para o da Cultura: da relação dual com a mãe, para o mundo fora dela. A partir dessa passagem, somos todos estrangeiros (Antonelli, 2016).

Koltai (2018) faz alusão aos migrantes como pássaros, mas evoca números que mostram que, na realidade, humanos acabam sendo ainda mais nômades. Seja motivada por causas econômicas ou políticas, a migração é sempre mais do que isso: é uma ruptura. Essa ruptura acaba por demandar uma reconstrução e remanejamento de identidade, que frequentemente ocorrem com a nova língua. A

linguagem é compreendida pela autora como um próprio território marcado por rupturas e travessias: a passagem do *heimlich* para o *unheimlich*.

Em um contexto geral, a migração pode significar a busca pela possibilidade de um aumento da liberdade, melhoria das condições de vida, acesso aos serviços básicos, escolaridade, saúde, entre outros. No entanto, isso dependerá de ser proporcionado um acolhimento e de contextos sociais, educacionais, sanitários e políticos adequados. Em contrapartida, o que muitos migrantes frequentemente enfrentam é uma dupla vulnerabilidade (psicológica e social) e uma dupla exclusão (do país de origem e do país de acolhimento) (Ramos, 2012).

No caso de Emi, a paciente conta que imigrou para o Brasil na adolescência em busca de trabalho, pois o novo país era visto por sua família como próspero e cheio de oportunidades. Disse que foi um processo muito difícil: “eu sofri muito, fui muito humilhada”, pois se mudou para um país com uma cultura completamente diferente, sem saber falar uma palavra na nova língua, para trabalhar com atendimento ao público em um comércio.

Emi relatou que foi humilhada por pessoas da sua própria família, também migrantes, que a ajudaram em sua viagem e exigiam que ela trabalhasse por longos períodos para retribuir esse favor. Com isso, é possível perceber que desde o início sua migração foi atravessada por dificuldades financeiras e de comunicação, o que resultou em experiências de humilhação e sofrimento.

Nem todos reagem ao exílio da mesma maneira. Cada exilado leva em si pontos de encontro (e de desencontro) entre os nomes de sua terra de origem e os da terra de acolhimento, bem como os de sua história pessoal combinados com a história coletiva de seu povo e do povo de seu novo país. Com isso, alguns transformam o país de acolhida como um lugar de vida — de fato, de acolhimento —, enquanto outros atribuem um significado distinto quanto à nova terra, se agarrando à nostalgia do país nativo (Koltai, 2018).

O idioma se torna uma condição importante em estados de exílio. Segundo Koltai (2018), a aquisição da nova língua pode ser de grande ajuda ao elaborar o luto da língua materna, porém, para alguns essa elaboração é quase

impossível. Optar por outra língua pode ser experienciado para muitos como uma traição, uma vez que a língua materna é muitas vezes simbolizada como o lugar de articulação entre o individual e o social. Essa simbolização abarca figuras que se conjugam em conjunto e separadamente, ora enquanto histórias contadas, ou enquanto História de uma nação. Assim, cada língua tem sua forma singular de interpretar o mundo, mas sobretudo uma forma coletiva que diz respeito a noções de pertencimento.

Falar sobre idiomas é compreender que a língua materna se dá no campo do familiar, portanto faz menção ao materno, considerando o significante do acolhimento em suas diversas funções (Camargo; Augusto, 2023). Segundo Dránsfeld (2016), é através da língua materna que o sujeito encontra a possibilidade de expressar seu desejo, estando vinculado a essa nativa forma de desejar. Tudo o que é aprendido nos primeiros anos de vida do sujeito é representado por essa nativa forma de comunicação. A língua materna pertence ao indivíduo e pode ser considerada um patrimônio. Quando o bebê nasce, ele reconhece uma voz e é através dela que aprende a representar o mundo a sua volta (Veras, 2009b).

Para além de fronteiras físicas, percebe-se ainda uma outra que perpassa a experiência migratória e que acaba sendo reveladora para muitas vivências no novo país: o estrangeiro acaba muitas vezes simbolizando um objeto de ódio e discriminação. Ele é aquilo que não se conhece e não se reconhece, não sendo alvo de identificações, portanto é indesejado, discriminado e recriminado. Assim, é colocado para fora de signos familiares (Antonelli, 2016). Essas experiências acabam por determinar muitas outras em relação ao novo país, e com isso, toda a experiência passa a ser negatizada.

A aquisição da língua estrangeira pode se caracterizar, portanto, como uma experiência negativa ao considerar toda a experiência migratória. Segundo Kacelnik (2008), a comunicação em língua estrangeira traz consigo o abandono daquilo que é bom e idealizado, carregando, portanto, uma dor narcísica. Aqueles que abandonam sua terra natal especialmente em forma do exílio e são forçados a incorporar uma nova linguagem, carregam também a dor da perda. E com isso, as

diversas experiências no novo país, principalmente envolvendo discriminações e xenofobias, aumentam a incidência dessa dupla dor, marcando uma fragilidade e uma instabilidade da própria identidade (Nardi, 2008).

Como toda castração, apesar de sugerir uma perda, propicia também uma abertura ao novo (Drânsfeld, 2016). Lançar-se ao estrangeiro implica abrir-se a significados desconhecidos, que apesar de trazer estranhamento, é justamente onde é possível encontrar a dualidade daquilo que também pode ser familiar. Freud (1919/2019) percebe um ponto de encontro onde os dois polos tocam-se sem se opor, em que o Estranho aparece através do familiar que foi silenciado e que retorna. Assim, lançar-se ao desconhecido pode trazer novos tipos de encontros com aquilo que era íntimo e conhecido.

O Estranho pode ser considerado como algo reprimido que retorna, uma vez que deparar-se com o desconhecido pode movimentar representações familiares antes esquecidas, causando o próprio estranhamento (Nardi, 2008). Sendo assim, a aquisição de uma segunda língua pode trazer à tona aspectos inconscientes que estavam, de certa forma, reprimidos na língua materna (Camargo; Augusto, 2023).

A língua estrangeira pode evidenciar, portanto, os aspectos primitivos que foram velados por mecanismos inconscientes, estes que se enfraquecem ao considerar uma nova forma de organização das representações. Kacelnik (2008) expõe a noção de um inconsciente desarmado de mecanismos, uma vez que estes usam a linguagem para articular-se.

Ayouch (2015) experienciou a clínica do estrangeiro ao estudar a utilização dos idiomas em diferentes momentos do processo analítico. O psicanalista poliglota franco-marroquino, ao atender estrangeiros na França, permitia que utilizassem a língua que preferiam durante o tratamento. Assim, conseguia analisar em que momentos evocavam a língua estrangeira (o francês) em detrimento da língua materna (o árabe) — notando então a incidência da segunda língua como reparadora da língua materna traumatizada. A língua estrangeira, portanto, pode ser usada na reparação de traumas que aconteceram, de certa forma, na língua materna, uma vez que pode revelar aquilo que se fechou para o sujeito anteriormente.

Ao todo, pode-se considerar que a relação do sujeito com a língua estrangeira é singular e também pode variar conforme a experiência migratória em si. Aqueles que migraram durante a primeira infância, por exemplo, podem sentir um maior domínio da segunda língua e inclusive a considerar tão familiar quanto a própria língua materna (Camargo; Augusto, 2023), enquanto aqueles que migraram após esse momento podem ter mais dificuldades em incorporar os símbolos do novo país como pontos de ancoragem e acolhimento, visto que já possuem os símbolos do país de origem bem formados e compreendidos (Nolasco; Castelli; Mountain, 2021).

Mesmo com o impasse linguístico tendo sido colocado desde início por Emi e seus familiares, logo na primeira entrevista percebe-se que mesmo com dificuldades, conseguia sim se comunicar em português. Talvez não com o mesmo vocabulário de um nativo, mas era possível escutá-la. Sendo assim, a decisão de dar início ao processo de análise foi considerando até mesmo sua demanda com o idioma, a fim de, aos poucos, ultrapassar a barreira da linguagem e dar um novo significado a sua relação com a língua estrangeira.

Segundo Weissmann (2021), a realização da análise na nova língua permite ao sujeito uma ampliação de seu psiquismo, criando novas vias associativas e uma apropriação de sua história de vida, potencializando sua rede simbólica e, conseqüentemente, ampliando suas significações. Dessa forma, inserir Emi na análise em língua estrangeira poderia por si só ser uma forma de trabalhar suas demandas com o idioma, sendo o espaço de análise o primeiro lugar em que pôde falar sobre seus sentimentos e ser escutada com paciência, em português, sem ser julgada e menosprezada pelos erros gramaticais que raramente prejudicavam a comunicação, mas que para ela eram motivo de vergonha.

Tal aspecto torna-se ainda mais relevante se considerarmos que o sofrimento ligado à língua não parece decorrer apenas de uma dificuldade comunicacional, mas também das respostas recebidas do meio social diante de sua fala. Nesse sentido, podemos evocar a contribuição ferencziana acerca do desmentido, entendido como a experiência em que aquilo que o sujeito vive e sente não encontra reconhecimento no outro (Ferenczi, 1933/2025). Para Ferenczi, o potencial traumático (e compreendemos aqui o sofrimento do estrangeiro como tal, em uma interlocução com o conceito

freudiano) não se localiza somente no acontecimento em si, mas se intensifica quando a experiência subjetiva é negada, minimizada ou desacreditada por quem deveria acolhê-la, deixando o sujeito sem recursos simbólicos para significá-la.

Assim, pode-se entender que as vivências reiteradas de humilhação e desqualificação associadas ao uso da língua podem ter operado, para Emi, como formas de desmentido social, na medida em que sua palavra era marcada menos por seu valor comunicativo do que por sua inadequação formal. O setting analítico, ao oferecer escuta e legitimação de sua experiência, possibilitaria, então, uma contraposição a tais marcas traumáticas, restituindo valor simbólico à sua fala.

Além disso, o caso vai nos mostrando que a relação do sujeito com seu idioma pode evidenciar demandas íntimas e temáticas sensíveis, no que tange a relação consigo mesmo. Ao analisar Emi e sua relação com seu próprio idioma, pode-se interpretar que sua experiência negativa ao migrar para o Brasil sem saber falar o idioma pode ter feito com que não quisesse passar o mesmo sofrimento aos filhos. Ter uma língua materna diferente daquela falada no país não era uma escolha para Emi, mas poderia ser para seus filhos.

Mesmo há mais de duas décadas no país, Emi não consegue dizer que domina essa segunda língua. Seus relatos mostram uma dificuldade de atravessar o luto da migração, apegando-se fortemente ao país de origem e ao ressentimento de tê-lo deixado. Weissmann (2021) aponta casos em que sujeitos não conseguem elaborar esse luto pela terra e pela língua perdida, vivendo uma eterna saudade. Porém, aponta a necessidade de auxiliá-los nesta travessia, mudando a forma de enxergar a migração como algo habilitador e propulsor, algo que pode possibilitar atos de criação, momentos de apropriação de uma nova experiência de vida, que podem produzir novidade e crescimento.

O ENCONTRO COM A FALTA E AS POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO

A palavra naturalmente remete à ausência e quando não compreendida, remete a uma dupla ausência, visto que a incompreensão reitera angústias relativas a castração (Kacelnik, 2008). As palavras naturalmente faltam quando

é preciso expressar conteúdos intrínsecos e principalmente aquilo que estava até então encoberto, por vezes desconhecido à consciência. Assim, o faltar das palavras se torna comum em qualquer processo de análise: o sentimento advindo do analisando de perder palavras para explicar seus anseios e seus conteúdos mais intrínsecos.

Esse faltar das palavras é seguido pelo sentimento de angústia ao considerar a dificuldade de expressar algo inerente a si mesmo, portanto, a angústia é invadida pelo estranhamento (Moretto, 2024). O Estranho se coloca ainda mais em pauta ao considerar aquilo que vem de fora, o não-convencional, o estrangeiro que precisa lançar-se no desconhecido de uma nova língua e na ausência de sentir-se incompreendido. A incompreensão dada pelo obstáculo linguístico, portanto, evidencia ainda mais a angústia.

A falta, para a psicanálise, em suas nuances mais primitivas, pode se revelar na dor da ausência que o bebê sente quando percebe-se separado da mãe — o que Lacan (1957-1958/1999) denomina como frustração, sendo a primeira dimensão das três dimensões da falta. Nesse período o bebê deseja ser desejado pelo Outro primordial, e por isso, surge como objeto de desejo. Sendo assim, quando esse Outro se faz ausente, o bebê experimenta a frustração do isolamento.

Assim, essa ausência materna pode significar a ausência de um escudo protetor (Fernandes, 2022), esta que por vezes se relaciona com as experiências de exílio por parte daqueles que precisam exilar-se de sua terra nativa, não por acaso estando ligada a significantes como familiar e materna (Camargo; Augusto, 2023).

Ainda pensando nas dimensões da falta, Lacan diz que no segundo tempo a criança começa a perceber a presença do pai na relação e o vê como proibidor, aquele que privaria a criança de se relacionar com a mãe, levando ao aparecimento da angústia que o autor denomina como privação. Já no terceiro tempo, o pai é introduzido como aquele que pode dar aquilo que a mãe deseja e ele possui, perdendo o papel de onipotente e ameaçador. A castração amputa simbolicamente algo do sujeito imaginário, ao passo que dá origem ao ideal de Eu, a partir da internalização da lei. Sendo assim, a falta na dimensão da castração é mobilizadora do desejo (Lacan, 1957-1958/1999).

A falta pode se mostrar, portanto, de forma primitiva ao elucidar as primeiras experiências do sujeito. Uma metáfora é trazida por Freud (1920/2010) ao tentar descrever o processo de separação da mãe que toda criança vivencia: ele cita uma brincadeira usada por uma criança que observou, que por mais que fosse muito apegado à mãe, não chorava quando ela o deixava durante horas. Durante suas brincadeiras, tinha o hábito de atirar todos os seus brinquedos para longe de si. Freud percebeu que na verdade se tratava de um jogo e que ficava ainda mais claro quando fazia isso com seu carretel de madeira: atirava o carretel e gritava “*fort*” (foi embora), e o puxava pelo cordão, dizendo “*da*” (está aqui). O carretel desaparecia e era trazido de volta, em um desaparecimento-reaparição, muito similar à experiência com a mãe. A brincadeira permite à criança encenar o ir e voltar do objeto perdido-presente, pois cita que é impossível que a criança lidasse com a ausência da mãe de forma agradável ou indiferente. Assim, com a brincadeira pôde assumir um papel ativo na cena e elaborar essa separação tão inerente a todas as crianças.

O processo de separação dos objetos primários, segundo Weissmann (2021), se assemelha ao processo vivido por migrantes — consequentemente, também em relação ao idioma. Na migração constrói-se o movimento interno subjetivo do ir e voltar da cultura do país de origem e do novo país. Assim como a criança precisa do brincar para elaborar tais processos, o migrante precisa de ferramentas para ativar o processo de elaboração psíquica: ele deve recompor a malha de sustentação interna após a perda de diversos elementos, estes que se constituíam como essa malha anteriormente. O aprendizado da nova língua pode ser usado para essa recomposição, e somado a isso, a experiência com o outro. O processo de elaboração só é possível quando feito intersubjetivamente.

A direção do tratamento de Emi foi em auxiliar a nomeação dos sofrimentos e acolhê-los, assim como o que chamamos de exercer uma função materna. Foi escutando-a com paciência (o que ela não encontrava em outros ambientes de sua vida), que foi possível mostrar a sua potencialidade. Inclusive, de que ela sabia sim falar português e que suas dificuldades técnicas na dominação da língua não causavam grandes impedimentos na comunicação.

A partir da subjetividade e das diversas experiências vivenciadas por aqueles que se lançam ao estrangeiro, a clínica do estrangeiro é principalmente marcada pela transferência, que cria condições de escuta independentemente da língua (Ayouch, 2015), o que foi possível observar no caso Emi, em que foi estabelecido um vínculo transferencial de escuta e cuidado, independente das dificuldades linguísticas. Através dele, Emi pôde aprender uma nova forma de se comunicar, que impactou diretamente sua comunicação com os seus filhos.

Durante as sessões, foi possível perceber que havia um movimento dinâmico familiar de distanciamento afetivo e por vezes até de silenciamento de Emi pelos outros familiares que dominam a língua portuguesa e que por diversas vezes impuseram a decisão de falar por ela — o que a distanciava ainda mais dos filhos e a fazia se sentir como uma mãe ruim. Pode-se pensar que, ao ser reiteradamente substituída em sua fala e desautorizada em sua palavra, atualizavam-se experiências de desmentido, não só por não dominar a língua, mas por ser deslegitimada em suas decisões, compreendendo que sua vivência subjetiva e sua capacidade de se representar no laço familiar não encontravam reconhecimento.

Além disso, é possível observar a manifestação da resistência na própria apreensão do português, pois quando a análise tocava temas delicados e angustiantes, literalmente, faltavam-lhe palavras e Emi dizia “Ai, eu não sei como falar isso em português... mas eu sinto muita raiva...”. Desse modo, a ausência de palavras não indicaria apenas um limite idiomático, mas a marca psíquica de experiências emocionais que permaneceram sem reconhecimento e, por isso, de difícil simbolização.

Ao longo do processo de análise, a potencialidade da paciente foi sendo trabalhada e foi sendo desmistificada essa impossibilidade de comunicação, ao passo que Emi começou a se interessar mais por aproximar-se dos filhos e de fortalecer o vínculo com eles, para além das cobranças diárias. Até que em certo momento, a paciente decidiu espontaneamente começar a ensinar sua língua materna para seus filhos, o que parece simbolizar esse processo interno de aproximação dos filhos às suas origens, criando uma alternativa possível ao silenciamento que enfrentava há mais de 20 anos.

Tal movimento parece condensar importante transformação psíquica: aquilo que antes comparecia como marca de exclusão e silenciamento pôde adquirir novo estatuto simbólico, convertendo-se em via de transmissão e pertencimento. Aproximar os filhos de sua língua de origem pode ser compreendido, assim, como gesto de reinscrição subjetiva de sua própria história e de retomada de uma função materna que se encontrava fragilizada.

ENTRE EQUÍVOCOS E SILENCIAMENTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE DESAMPARO DISCURSIVO

Dada a particularidade do caso e os impasses da tradução entre culturas, Viveiros de Castro (2018) traz elementos importantes para essa discussão. O autor, ao estudar as culturas ameríndias, apresenta o conceito de perspectivismo ameríndio: para as culturas indígenas latinoamericanas haveria uma relativização do conceito de verdade, na qual qualquer perspectiva diante de um fenômeno seria igualmente válida. Isso contrapõe a perspectiva da Antropologia eurocêntrica, que adota a posição de olhar para as outras culturas, a partir da comparação, buscando traduzir o que algo “quer dizer” dentro da sua própria lógica de entendimento.

Nesse contexto, o autor apresenta o importante conceito de equívoco e afirma que o equívoco seria diferente do erro ou do engano, pois estes só ocorrem quando está se falando dentro de um mesmo jogo de linguagem. Quando se fala entre jogos de linguagens divergentes usa-se o termo equívoco, pois o equívoco não seria uma falta de interpretação, mas um excesso dela. Uma vez que, quando se traduz algo de uma linguagem para outra, é fixada uma das interpretações e são anuladas todas as outras. Desse modo, para Viveiros de Castro (2018) traduzir é presumir que há sempre um equívoco, é se comunicar pela diferença, ao invés de silenciar o Outro, ao supor a existência de uma univocidade originária.

Com isso, o autor defende a existência de diversas formas de ruptura ao mencionar como epistemologias ocidentais tendem a se defender contra epistemologias outras, muitas vezes unificando uma só língua e postulando as demais

como incompreensíveis (Viveiros de Castro, 2018). Aqui, a linguagem reaparece ao entrar também na questão do apagamento cultural, uma vez que alguns idiomas tendem a ser automaticamente inferiorizados e menosprezados, algo observado com frequência acerca dos idiomas oriundos do Sul Global.

Levando em conta os aspectos abordados sobre o silenciamento que Emi enfrenta desde a migração para o Brasil, cabe suscitar o conceito de desamparo discursivo, profundamente trabalhado pela autora Miriam Debieux Rosa. Sobre o conceito, Rosa, Estevão e Braga (2017), o retomam para nomear situações em que o sujeito é responsabilizado individualmente por sua condição social-pluri-determinada. Nessa condição, sem possibilidade de se endereçar ao Outro, o sujeito é silenciado e enfrenta a dificuldade de reconhecimento dele mesmo, de seu sofrimento, de sua verdade, de seu lugar no laço social e no discurso. Essa situação produz no sujeito o sentimento de angústia que remete à situação do desamparo primordial.

Os autores defendem que a clínica psicanalítica precisa estar advertida da incidência dos discursos políticos, de modo a separar a alienação estrutural do sujeito ao discurso do Outro, da alienação ao discurso social e ideológico. E apontam que uma alternativa possível para o desamparo discursivo seria pela via da historicização dos laços sociais, pelo resgate de memórias e pelas experiências compartilhadas (Rosa; Estevão; Braga, 2017)

Ao pensarmos a questão cultural e suas implicações, outro recorte se faz necessário. Memmi (2007), ao discutir aspectos do colonialismo, apresenta a ideia de que a imagem do colonizador pressupõe a existência da imagem do colonizado. O autor expõe que única possibilidade de existência do colonizado é viver em função das necessidades do colonizador, sendo assim, a imagem do colonizado é degradada e despersonalizada, são considerados preguiçosos, imprevisíveis e jamais são caracterizados de maneira individual, mas sempre apagados por um coletivo anônimo.

Neste processo, restaria ao colonizado duas alternativas: a primeira seria a identificação com o papel que lhes é atribuído socialmente, direcionando amor ao colonizador e ódio a si mesmo. No intuito de se libertar, aceita destruir-se. Para

parecer com o ideal branco, passa a esconder o seu passado, suas tradições, todas as suas raízes, envergonha-se de tudo o que nele é mais real, o que se assemelha com a negrofobia do negro e o antisemitismo dos judeus (Memmi, 2007). Este caminho pode ser facilmente observado em migrantes, que muitas vezes sentem precisar se integrar à cultura dominante e renunciar suas origens. Para ser aceito, o migrante se esforça para se aproximar do modelo dominante, frequentemente sendo ocidentalizado, branco e eurocêntrico.

Ao pensarmos no caso podemos observar similaridades. Emi chega à análise em estado de desamparo discursivo, refere a si mesma como incapaz de falar, mas a experiência em análise propiciou que a analisanda pudesse se apropriar de sua capacidade de comunicação. Aos poucos ela passou a falar sobre sua história, suas origens, suas tradições — tanto em análise, quanto em seu ambiente familiar. Movimento que nos faz pensar no segundo caminho que Memmi (2007) apresenta para esse apagamento: a revolta, no qual o colonizado se liberta pelo meio da reconquista de si mesmo e de uma dignidade autônoma, processo no qual ele recria uma unidade com seu povo e se sente pertencente.

Ayouch (2023) apresenta a discussão de que a psicanálise, por mais subversiva que foi em dar voz a discussão da sexualidade, também está inscrita na matriz da colonialidade e do capitalismo. Da mesma forma, por mais que questione os princípios do capitalismo e da sexualidade, na maioria das vezes ela se isenta dos estudos sobre a colonialidade. O autor aponta para a existência do pacto da branquitude como prevalência da norma de subjetivação branca, que se apresenta como garantia de universalidade e exclusão da multiplicidade discursiva, na qual a identidade branca é vista como Universal, o ponto zero da identidade.

Sendo assim, o autor expõe a necessidade de uma psicanálise como um saber situado, visando a possibilidade de que esse saber possa ressoar com a multiplicidade das vozes dos analisandos, sem silenciá-las por uma posição de expertise. Assim, reforça a importância de se apontar para o real da raça, o que a epistemologia dominante deixa de fora de toda a simbolização, de modo a não condenar ao silêncio aqueles que o centro invisibiliza (Ayouch, 2023).

Isso exige do analista um compromisso ético profundo de estar atento para não reviolentar os analisandos, sobretudo aqueles cujas histórias e subjetividades foram historicamente silenciadas. A escuta clínica precisa ser um ato político, no qual é necessário resistir à tendência de traduzir o que o outro tem a dizer a partir dos próprios parâmetros e ao invés disso, se abrir à diferença, sem pretensão de capturá-la por completo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Emi é duplamente inquietante: a angústia materna é potencializada pela dificuldade de comunicação com seus filhos por não compartilharem a mesma língua materna, causando um estranhamento. No caso em questão, O Estranho é evocado ao pensar que o significante “materno” não se coloca em prática ao considerar o idioma, este que tende a ser substancial para uma comunicação afetiva e para o fortalecimento de vínculos. A relação materna que possui com os filhos acaba sendo atravessada por um distanciamento, por uma separação simbólica, que transfere também toda a sua experiência migratória com essa nova língua e com a maternidade. Podemos pensar, ainda, que tal desencontro ultrapassa o plano meramente idiomático, condensando impasses de reconhecimento, pertencimento e transmissão subjetiva no interior do vínculo materno-filial.

A separação, aqui, se mostra na língua estrangeira e também na maternidade. Ser mãe em um novo país, com uma nova cultura, em uma dinâmica familiar Estranha a si, acabou por potencializar a angústia e o estranhamento. A construção da dinâmica familiar silenciou Emi, e com isso não conseguiu achar formas de lidar com essas angústias: incorporou o silenciamento dizendo que não sabia falar a língua portuguesa e atribuiu essa dificuldade como inerente a ela. Como observado, além da dinâmica familiar ter contribuído para essa atribuição, a questão cultural também se evidencia ao pensar tal comportamento como sendo o de desamparo discursivo ao referir a si mesma como incapaz de falar. Foi preciso que encontrasse um lugar, com a análise, para perceber que o obstáculo linguístico não era impeditivo para a comunicação com eles, visto que conseguia se comunicar com sua analista, entendê-la

e ser entendida. Tudo o que precisava era um espaço que viabilizasse essa abertura para que pudesse vê-la também em outros campos. Nessa direção, o setting analítico pôde operar como contraponto às experiências reiteradas de desqualificação, oferecendo reconhecimento simbólico à sua palavra.

Sua relação com a língua estrangeira continha certos movimentos resistenciais devido a tantos impedimentos colocados à ela: deixou de reivindicar seu lugar na família como alguém que merecia ser compreendido e renunciou ao aprendizado da nova língua. Essa resistência se mostrou clara principalmente em análise, pois em momentos que assuntos difíceis eram tocados, faltavam-lhe palavras. Ao longo do tratamento, com o espaço para ser escutada e para falar a língua portuguesa sem julgamentos ao domínio da língua, a paciente foi possibilitada a encontrar outros caminhos, como ensinar a língua materna para os filhos.

Aqui (re)enfatizamos o equívoco como condição inevitável do encontro entre diferentes sistemas de significação. Essa noção ganha especial relevância diante da situação de Emi, cuja vivência de apagamento e desamparo discursivo é marcada justamente pelo atravessamento de fronteiras culturais e linguísticas. Do mesmo modo, a noção ferenciana de desmentido mostra-se fecunda para compreender como o sofrimento não advém apenas da dificuldade linguística em si, mas também da ausência de reconhecimento por parte do meio diante de sua experiência subjetiva.

O sentimento de estranhamento nessa maternidade intercultural foi discutido a partir da compreensão da construção da dinâmica familiar e das experiências migratórias de Emi, além de sua trajetória em relação à maternidade, para enfim compreender sua relação com a linguagem e trabalhar suas angústias. A articulação entre prática clínica e teoria se mostra essencial para o entendimento das subjetividades que se manifestam na escuta psicanalítica, portanto, mesmo diante de possíveis impasses linguísticos, este Outro demanda nossa escuta. Escutar, nesse contexto, implica também reconhecer os efeitos psíquicos produzidos por exclusões sociais, culturais e familiares que frequentemente permanecem invisibilizadas.

A necessidade de pensar uma psicanálise situada se mostra claramente no encontro com as diferenças e com os sujeitos às margens, propiciando uma forma

de pensar a clínica psicanalítica como um espaço que dá voz às vozes historicamente silenciadas (Ayouch, 2023). O percurso de Emi, que inicialmente se encontrava à margem do discurso, aponta para a potência da análise como lugar de resgate de memória, reapropriação da linguagem e reconstrução subjetiva. A psicanálise, ao assumir sua posição histórica e cultural, deve se abrir à multiplicidade e operar como dispositivo ético-político de restituição desses discursos.

A palavra, em todo e qualquer idioma, é uma entidade que possibilita a subjetivação e a simbolização de afetos (Camargo; Augusto, 2023). Simbolizar é emprestar ao outro possibilidades de expressão, e como a angústia é acarretada pela falta de palavras, O Estranho é a radical falta de possibilidade de simbolização (Jorge, 2022). A análise possibilitou a Emi novas formas de simbolizar e, ao emprestar aos filhos sua forma de simbolizar em sua língua materna, Emi permite-se também simbolizar sua angústia em língua estrangeira, através do processo analítico e do novo significado que atribui à relação com os filhos. Nesse sentido, o trabalho analítico não apenas favoreceu a elaboração de um sofrimento individual, mas tornou possível reinscrever, na linguagem e no laço, aquilo que antes permanecia vivido como exílio interno.

REFERÊNCIAS

ANTONELLI, Claudia Cristina. Um corpo estranho na cultura: o estrangeiro. FEPAL - Federación Psicoanalítica de America Latina, set. 2016. Disponível em: <<https://www.fepal.org/wp-content/uploads/035-portu.pdf>> Acesso em 07 abr. 2025

AYOUC, Thamy. Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. Estudos de Psicologia, Campinas, vol. 32, n. 1, p. 97-107, jan. 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Zz9QYQfWcgdLbd3bLZ7FtmG/?lang=pt>> Acesso em 16 abr. 2025

AYOUC, Thamy. Quem Pode Falar no Divã? Raça e Psicanálise Situada. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, 2023, v. 23, s/n, p. 1193-1211.

Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812023000701193>. Acesso em: 14 jun 2025.

O ESTRANHO DE FREUD EM UMA MATERNIDADE INTERCULTURAL:
UMA ANÁLISE DE CASO

BASTOS, Angela; TENENBAUM, Deborah. Psicanálise em língua estrangeira e espaço público. IN: FERREIRA, Fernanda.; VERTZMAN, Júlio. O Público na Psicanálise, Curitiba: Editora Appris, 2021.

CAMARGO, Fernanda Ferreira Vilhena de; AUGUSTO, Marcela Cavallari. As influências da língua materna e da língua estrangeira nas manifestações inconscientes. Momentum, v. 2, n. 21, p. 79-96, 2023. Disponível em:

<<https://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/view/469>> Acesso em 15 abr. 2025

DALLAZEN, Lizana; GIACOBONE, Roberta; MACEDO, Mônica; KUPPERMANN, Daniel. Sobre a ética em pesquisa na Psicanálise. Psico, Porto Alegre, 2012. V. 43, n. 1, p. 47-54. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/11098>> . Acesso em 1; 16 abr 2025.

DRÂNSFELD, Bruna Jéssica. My house não é sua casa: as fronteiras da escuta na clínica psicanalítica. 2016. 51 p. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2016.

FERENCZI, Sándor (1933). Confusão de linguagens entre o adulto e a criança. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2025.

FERNANDES, Maria Helena. Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. Percurso, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 29, p. 51–64, 2002. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/830>. Acesso em: 15 abr. 2025.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: . História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____.A feminilidade (1933). In: . O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930 -1936). Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: . O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930 -1936). Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____.Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In:

_____. O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923 -1925). Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: _____. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. A interpretação dos sonhos (1900). Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. O Infamiliar / Das Unheimliche. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4a Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro, Prefácio. In: FREUD, Sigmund (1919). O Infamiliar. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

JERUSALINSKY, Julieta. Angústia na pós-maternidade. Revista da APPOA Os tempos do sujeito. n. 35. Porto Alegre: APPOA, julho/dezembro, 2008.

KACELNIK, Joyce. Em que língua teria Édipo conversado com a esfinge?. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 31, n. 47, p. 98-104, dez. 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0101-31062008000200018&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

KEHL, Maria. A mínima diferença: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOLTAI, Caterina. Pensamentos esparsos sobre escrita e língua materna através dos deslocamentos. Percurso, n. 30, vol. 60, p. 69-76, 2018. Disponível em <<https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/192>> Acesso em 07 abr. 2025

LACAN, Jacques. O. A lógica da castração. In: _____. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Original publicado em 1957-1958).

MEMMI, Albert. As duas respostas do colonizado. In: _____. Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 2007.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. A importância da escuta do sofrimento na formação e nas práticas de cuidado em saúde. Revista Espaço Pedagógico, [S. l.], v. 30, 2024. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/15531>> Acesso em 15 abr. 2025

O ESTRANHO DE FREUD EM UMA MATERNIDADE INTERCULTURAL:
UMA ANÁLISE DE CASO

NARDI, Fabiele Stockmans. A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões sobre língua e identidade. MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E., A.(Orgs). Práticas discursivas e identitárias. Ensaios PPG Letras UFRGS. Porto Alegre: Nova Prova Editora, p. 124-136, 2008. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/](https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FabieleStockmansDeNardi.pdf)

FabieleStockmansDeNardi.pdf> Acesso em: 04 abr 2025

NOLASCO, Lígia Rufine.; CASTELLI, Andressa Carvalho; MOUNTIAN, Ilana. “Outras crianças”: nossos discursos. Reflexões sobre a clínica com crianças imigrantes: Reflections on the clinic with immigrant children. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 509-519, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/172978>> Acesso em: 16 abr. 2025

RAMOS, Maria Natália. Migração, maternidade e saúde. Repertório, Salvador, nº 18, p.84-93, 2012. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/6406-Texto%20do%20Artigo-18211-1-10-20120914.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

RAMOS, Natália. Gênero e migração: questionando dinâmicas, vulnerabilidades e políticas de integração e saúde da mulher migrante. Anais do Congresso: Fazendo Gênero, Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 2010. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5843/1/fazendo%20genero_ARQUIVO_NataliaRamosFG9.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2025.

ROSA, Miriam Debieux; ESTEVÃO, Ivan Ramos; BRAGA, Ana Paula Mussatti. A clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. Psicol.estud, Maringá. v. 22,n.3, p.359-369,jul./set. 2017. Disponível em: < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/35354/pdf>>. Acesso em: 14 jun 2025.

SOUZA, Janilton Gabriel de; CHAVES, Wilson Camilo. Família: pluralidade e singularidade. Reverso, n. 74, p. 47-54, dez. 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342289>> Acesso em 15 abr. 2025

VERAS, Viviane. A tradução e sua relação com o inconsciente: transmitir a psicanálise. Tradução em Revista, vol. 7, p. 01-12, 2009a. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14726/14726.PDF>> Acesso em: 04 abr. 2025

VERAS, Viviane. O estrangeiro na língua materna: (não) desejar as coisas alheias. Revista Polyphonia, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 111–124, 2009b. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/6074>> Acesso em: 16 abr 2025

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo, Ubu editora, 2018.

WEISSMANN, Lisette. Fazer análise em língua estrangeira?. Jornal de Psicanálise. v. 54, n. 101, p. 123-140, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352021000200009. Acesso em: 16 abr 2025